

Ameaças à saúde

ESTADO DE SÃO PAULO 20 SET 2002

Dengue, hepatite C e um tipo mais perigoso de vírus HIV desmontam como três grandes desafios às autoridades de saúde no Brasil atualmente. O caso da dengue é bem conhecido, mas sua gravidade chegou a um nível sem precedentes. De janeiro a julho, a epidemia atingiu o recorde de 708.603 casos, número superior aos 559.237 registrados durante todo o ano de 1998 – o recorde anterior. Até maio já se acumulavam 472.497 registros, mais do que o total de infectados em todo o ano passado, conforme a Fundação Nacional da Saúde.

Uma verba de R\$ 1 bilhão – R\$ 903 milhões do Ministério da Saúde e R\$ 131,1 milhões de Estados e municípios – foi alocada para o Programa Nacional de Controle da Dengue, com o combate ao mosquito *Aedes aegypti* e a mobilização de 166 mil agentes comunitários de saúde para a orientação da população. A competência das autoridades será testada em dois pontos fundamentais: o primeiro é superar os conflitos de in-

teresse político e trabalhar de forma articulada nas três esferas de governo, fazendo com que os recursos sejam efetivamente aplicados no controle da epidemia; o segundo é garantir a continuidade dessas ações durante todo o ano, eliminando larvas, identificando novos tipos de vírus e mantendo equipes preparadas para o período de alta incidência, entre dezembro e abril.

No caso da hepatite C, o desafio é mais complexo, pois trata-se de preparar o Sistema Único de Saúde (SUS) para diagnosticar e tratar adequadamente uma doença nova e grave, que tem potencial para ser a próxima grande epidemia mundial, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). O governo federal estima que 2 milhões de brasileiros estejam contaminados com o vírus HCV – seriam 3,5 milhões, na projeção da OMS –, mas ape-

nas 5 mil pessoas estão hoje em tratamento no País. A hepatite C é transmitida da mesma forma que a aids mas, em grande parte dos casos, os infectados são considerados apenas vítimas de doenças hepáticas crônicas. Só em 1992 os bancos de sangue brasileiros começaram a fazer testes de hepatite C, mas, como o vírus leva até 20 anos para se manifestar, é muito provável que haja um número crescente de registros de casos daqui por diante.

O SUS terá de oferecer, em todo o País, serviços que vão desde o exame de sangue até o transplante de fígado, necessário em muitos casos. O coordenador de DST/Aids de São Paulo, Fábio Mesquita, informa que três centros municipais estão sendo preparados para esse tipo de atendimento, com o objetivo de iniciar um processo de expansão pela rede nacional do SUS. Levará tempo até

Hepatite C e HIV resistente são novos desafios; dengue bate recorde

que médicos, enfermeiros e agentes de saúde estejam preparados adequadamente para essa missão urgente, e será necessário mostrar à população que os sintomas de

disfunções hepáticas ganham agora uma dimensão de risco à saúde pública. Hoje, a hepatite C é conhecida basicamente pelos pacientes, que só descobrem que são portadores quando vão doar sangue.

No campo da aids, o que preocupa é o avanço do subtipo C do vírus HIV, mais resistente. Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo revelou que esse vírus já é causador de 67% dos casos de aids no Rio Grande do Sul e chega a 32% no Paraná, ameaçando mudar o perfil da epidemia no Brasil, onde atualmente predomina o subtipo B. Isso exigirá diagnósticos mais precisos e remédios mais eficazes. Vale lembrar que o programa brasileiro de combate à aids é tomado como modelo no mundo. Espera-se que continue sendo exemplo de eficiência e inspire também as ações contra a dengue e a hepatite C.